

Mercado de trabalho do jornalista: áreas de atuação, faixa salarial, carga horária semanal e nível de escolaridade dos profissionais no estado do Amapá

Labour market of the journalist: Areas of work, salary range, weekly workload and level of education of professionals in the state of Amapá

Acácia Renata Farias da SILVA¹

Resumo

O presente artigo trata de um estudo com explicações acerca do mercado atual do jornalista amapaense. Quanto ao público pesquisado, propõe-se analisar os jornalistas sindicalizados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá (SINDJOR/AP), os profissionais recém-formados pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e os acadêmicos do último ano que já atuam na área do Jornalismo. Esta abordagem é parte de uma monografia apresentada ao curso de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Como metodologia, adotou-se a realização de uma pesquisa quantitativa, com aplicação de questionários fechados feito por meio da ferramenta do Google docs. A partir das respostas obtidas, constatou-se que a maioria dos jornalistas amapaenses acumula mais de uma função na área de Jornalismo, atuando com carga horária superior a 25 horas semanais estipulado na Consolidação das Leis do Trabalho.

Palavras-chave: Jornalismo. Mercado de trabalho. Faixa salarial. Formação do jornalista.

Abstract

This article deals with a study with explanations about the current market of amapaense journalist. As for the public surveyed, it is proposed to analyze the journalists unionized to the Syndicate of Journalists of Amapá (SINDJOR / AP), the newly trained professionals from the Federal University of Amapá (UNIFAP) and the last year scholars who already work in the area of Journalism . This approach is part of a monograph presented to the Bachelor's degree in Journalism at the Federal University of Amapá - UNIFAP. As methodology, it is an essay of a quantitative research, with application of closed questionnaires through the Google tool. From the received responses, it was verified that the majority of the amapaenses journalists

¹ Pós-Graduanda (lato sensu) em Comunicação e Informação Educacional e Empresarial pela Faculdade Jardins, Aracaju/SE. E-mail: acacia.farias@gmail.com

accumulates more of a function in the area of Journalism, from 25 hours per week stipulated in the Consolidation of Labor Laws.

Keywords: Journalism. Labour market. Salary range. Training of the journalist.

Introdução

O presente artigo objetiva realizar investigações quanto ao mercado de trabalho profissionais do Jornalismo no âmbito amapaense. Os conceitos desenvolvidos nesta pesquisa dizem respeito ao jornalista, considerando a possibilidade que esse profissional possui de atuar em diversas áreas de trabalho, como assessoria de comunicação, rádio, televisão, web ou jornal impresso.

Seguindo essa linha, a realização da presente pesquisa se justifica por abordar o campo em que o jornalista está inserido na região norte, investigando os aspectos positivos e os negativos referentes à profissão no estado do Amapá - AP. Ademais, ao longo da pesquisa são realizadas comparações referentes aos estudos nacionais que abordaram a temática.

Esta pesquisa torna-se relevante, também, por conta da escassez de trabalhos dessa natureza, que mostram o mercado contemporâneo do jornalista de uma maneira aprofundada. Por isso, assume importância imprescindível tanto para acadêmicos da área de Jornalismo, quanto para jornalistas profissionais e sociedade em geral, haja vista a importância dos jornalistas no contexto social.

A questão que norteou essa pesquisa foi: Como está estabelecido o campo de atuação em que o jornalista está inserido? Com isso, traçou-se os objetivos do trabalho, que foi o de abordar qual/quais a(s) área(s) do Jornalismo esses profissionais estão trabalhando, bem como suas respectivas naturalidades. Ademais, foi proposto verificar as rotinas produtivas, o nível de escolaridade desses profissionais e suas respectivas faixas salariais.

Na execução da pesquisa, era pertinente a abordagem de um público intrinsecamente ligado à temática proposta e, para tanto, a participação dos associados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá se justifica, uma vez que se trata de categoria já

organizada, reduzindo, assim, o universo a ser estudado, mantendo a devida proporcionalidade entre quantidade e qualidade. A adoção do método quantitativo propiciou que as informações obtidas fossem estratificadas e reunidas para explicar o estudo.

Com sustentações teóricas e discussões oriundas pesquisa quantitativa espera-se propiciar uma reflexão atual acerca da profissão, servindo posteriormente como embasamento a futuras pesquisas do campo do Jornalismo.

O Jornalismo e sua função social

O Jornalismo tem importância social ampla no sentido de informar a população a respeito de assuntos que são de interesse público. A atividade vai da apuração à transmissão de fatos de maneira que todos compreendam a linguagem. Cabe ao profissional atuar de maneira correta, com conhecimento correlacionado às ciências humanas, obtendo suporte para compreender a realidade em que está inserido.

Isabel Travancas, em sua obra “O mundo dos jornalistas”, trata o papel desses profissionais da comunicação e afirma:

Discutindo o papel do jornalista, saliento que ele tem uma função importante em termos da construção da cidadania, uma vez que é responsável pela transmissão de informações, e a ideia de cidadania está subordinada à informação. Não há cidadão sem conhecimento, é este que torna o indivíduo um cidadão, na medida em que as informações lhe possibilitam escolhas, avaliações e participação na sociedade. Sem isso a atuação ficaria restrita ou seria inexistente. (TRAVANCAS, 2011, p.106).

Nesse sentido, em vista da produção de conteúdos e da atuação do profissional, o trabalho dos jornalistas deve ser baseado em regras e condutas, que podem ser encontradas no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), que assume um papel fundamental no sentido de trazer quais são as responsabilidades e os deveres frente à profissão, como podemos citar com a transcrição de alguns trechos do seu Art. 2º:

I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza

jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores.

II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público;

III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão (FENAJ, 2007, p. 1).

Nesse sentido, para levar o bem-estar à sociedade, no campo jornalístico, a responsabilidade social é ação fundamental no desenvolvimento dos objetivos que envolvem a profissão. Christofeletti (2008) coloca que, na rotina do profissional, existem pequenas e grandes oportunidades de se corromper. No entanto, mantendo-se firme no profissionalismo e na função social, as atividades serão feitas de maneira correta.

Nessa lógica, a função social que o profissional apresenta está em conflito com os interesses mercadológicos inerentes à profissão. As empresas precisam preocupar-se em manter seus interesses públicos, mas sem deixar de lado seus interesses financeiros. Nesse sentido, o jornalista se apresenta como sendo um mediador a fim de equacionar essas divergências. Para Bucci, “ao jornalismo cabe perseguir a verdade dos fatos para bem informar o público, o jornalismo cumpre uma função social antes de ser um negócio, a objetividade e o equilíbrio são valores que alicerçam uma boa reportagem” (BUCCI, 2000, p. 30).

Estudos sobre mercado de trabalho do jornalista no Brasil

O estudo de Fonseca e Kuhn (2009) mostra que o jornalista contemporâneo está diante de exigências para desenvolver suas atividades, aproveitando o máximo de tempo que possui, isso seria resultado da busca por renda. Na atualidade, o trabalho desenvolvido por eles não é mais pautado nas divisões de tarefas, como era no modelo fordista. Agora o jornalista brasileiro vive o pós-fordismo², com acúmulo de funções, acaba sendo ao mesmo tempo um pauteiro, repórter, redator, diagramador e a pessoa

² O pós-fordismo é o regime que surgiu a partir da década de 70, configurando o neoliberalismo. No pós-fordismo, prevalece o conceito de flexibilidade, eliminação de funções e acúmulo de tarefas, tem o surgimento da figura do trabalhador temporário entre outras características. (FONSECA, 2008).

responsável por redigir o texto final.

Nesse contexto, a reflexão em torno da temática mostra que para Pereira e Adghirni (2011), a profissão está passando por mudanças, que estão relacionadas à redução de locais de trabalhos tradicionais do jornalismo e o aumento da carga horária no desenvolvimento de suas atividades. Nesse cenário, as redações brasileiras estão sendo reformuladas, havendo a troca de jornalistas empregados por meio de contratos trabalhistas, por trabalhadores informais ou freelancers. Como resultado destes processos, está havendo a substituição de jornalistas há mais tempo no campo de atuação por aqueles mais jovens. Conforme isso, Pereira e Adghirni (2011) colocam quais seriam os motivos:

O recém-formado é maleável e se adapta mais facilmente às normas político-editoriais e a salários mais baixos. A prática de realização de cursos de treinamento pelas próprias empresas ganha força agora que o diploma de jornalista não é mais obrigatório para o exercício profissional. Cada empresa é livre para impregnar suas matrizes ideológicas nos jovens em formação. Mais jovens e inseguros quanto ao emprego, os jornalistas tendem a relativizar os padrões impostos pelos códigos deontológicos e o pensamento crítico – resultado da formação universitária – em nome dos valores do mercado (PEREIRA e ADGHIRNI, 2011, p. 48).

Neste caminho, Travancas (2011) realizou um estudo antropológico, participando da rotina dos veículos de comunicação, como rádios, televisão e jornais impressos, e entrevistou jornalistas que trabalham há bastante tempo na área e os que recentemente começavam a atuar. Na sua abordagem, Travancas (2011) concluiu que a maioria possui paixão por sua profissão e, apesar dos problemas enfrentados, diz não querer outro emprego que não seja em jornalismo.

Mick (2013) é coordenador do levantamento mais atual e consistente sobre o perfil do jornalista brasileiro, no qual foram ouvidos 2.731 profissionais, que responderam a questões sobre perfil, características demográficas, políticas e de seu trabalho jornalístico em 2012. Como um dos resultados obtidos, observou-se que as redações estavam ocupadas em maioria por jornalistas jovens. Em média, 59% dos jornalistas empregados tinham até 30 anos, 21,9% dos profissionais estavam entre 31 e 40 anos, e, na medida em que a idade vai aumentando, os percentuais decrescem.

Comprovando isso, os dados mostram que apenas 7,6% dos jornalistas participantes da pesquisa estavam empregados em regime de CLT e possuíam mais de 51 anos.

Em relação à área de atuação, a pesquisa de Mick (2013) aponta que 54,5% dos jornalistas estavam atuando na mídia, ou seja, em veículos de comunicação, como jornais diários, revistas, telejornal ou radiojornais ou em mídias que usavam a internet; 5,2% atuavam na docência, e 40% estavam fora da mídia, nas atividades denominadas de extrarredações. Os que atuavam nos impressos, correspondiam a 64%, os da internet somavam 45%, 20% estavam em outras mídias e 33% em veículos como TV e rádio.

Para Bucci, os maiores problemas enfrentados pela imprensa brasileira são devido a interesses das empresas de comunicação, que “ultrapassam os domínios de uma redação e nada têm a ver com os interesses legítimos de seus telespectadores, leitores, ouvintes” (BUCCI, 2000, p. 32). Nesse sentido, entra o dilema de como fazer um jornalismo com responsabilidade e atender aos interesses da população.

Jornalismo no Amapá

A história do Jornalismo no Amapá aponta para 1895, com o lançamento do primeiro jornal denominado “Pinsônia”, fundado por Francisco de Mendonça Junior, que circulou apenas por três anos. Entretanto, o Amapá teve seu primeiro curso superior na área instituído em 2001, pela Faculdade SEAMA, que hoje é denominada Estácio Macapá. A referida instituição oferta o curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Quando não havia instituições de ensino na região, havia a entrada de profissionais formados de outros estados, ou daqueles que não tinham nenhuma formação e atuavam conforme iam praticando a atividade em determinado veículo de comunicação.

Já em 2011, o estado recebeu o curso superior de Jornalismo por meio de uma instituição federal, denominada Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, com graduação durando oito semestres, com carga horária total de 3.600 horas.

Sindicato dos jornalistas do Amapá

O Sindicato dos jornalistas do Amapá (Sindjor-AP), no que tange à defesa dos direitos e deveres dos jornalistas tem sua existência datada de 5 de novembro de 1992, portanto em vigor há mais de 23 anos.

Com relação à atual estrutura do sindicato, foi realizado contato com a atual presidente, Denyse Quintas. Nesta abordagem, constatou-se que hodiernamente até o primeiro semestre de 2016 havia 260 sindicalizados ao Sindjor Amapá, excetuando-se deste número aqueles profissionais que estão em fase de regularização. É nesta conjuntura que o sindicato pleiteia direitos inerentes à categoria, pondo-se à frente dos profissionais.

Metodologia

A abordagem trata-se de um estudo quantitativo, no qual, Godoy (1995) aponta que, o pesquisador avança em um plano estabelecido, baseado na hipótese formulada, havendo, assim, a quantificação dos resultados de maneira objetiva. A forma de aplicação é baseada na busca de resultados precisos, sendo necessário ficar atento aos dados, evitando distorções na análise e interpretação do resultado.

É profícuo mencionar que foram convidados para participar desse estudo, a categoria dos profissionais que estão filiados ao Sindicato dos Jornalistas do Amapá (Sindjor-AP), bem como os graduados pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP até o momento da realização da pesquisa, e os acadêmicos do último semestre de Jornalismo da UNIFAP que já desenvolvem trabalhos na área.

Para à aplicação de questionários a serem usados para coleta de dados, utilizou-se a ferramenta Google Docs (<http://docs.google.com>), que oferece uma opção para criar formulários online para posteriormente serem enviados por e-mail aos participantes.

A adoção do uso do questionário online Google Docs norteou a análise

estatística dos resultados, fornecendo um resumo tabulado das respostas, o que não significa que o pesquisador não necessite analisar uma a uma as questões ou ainda realizar cruzamento de tais informações.

O envio dos questionários se deu no dia 2 de março de 2016, e foi estipulado um prazo até o dia 10 de março do mesmo ano para obter as respostas. Assim, a referente pesquisa alcançou a participação de 48 (quarenta e oito) jornalistas sindicalizados à instituição Sindjor-AP. Ademais, consideramos imprescindível salientar que dos 7 (sete) graduados pela UNIFAP, até o momento da realização da pesquisa, 2 (dois) não participaram da abordagem. E dos 6 (seis) estudantes do último semestre de Jornalismo da UNIFAP que já trabalham na área, 4 (quatro) não responderam ao questionário. Desta forma, a pesquisa obteve 55 (cinquenta e cinco) respondentes.

Apresentação, discussão e análise dos dados

Por intermédio da pesquisa, constata-se que, dos profissionais pesquisados, a maior parcela, 56,4%, é do sexo feminino, e 43,6% do sexo masculino. No que diz respeito às questões de gênero, é importante analisar que a feminização no mercado de trabalho jornalístico vem ocorrendo de forma acentuada. Não é que os homens estejam ficando fora das atividades, mas as informações iniciais apontam para a observação de que no Amapá existe uma disputa equiparada entre homens e mulheres em busca de espaços ligados aos setores de comunicação.

Nesse sentido, pode-se então perceber que questões de gênero não são mais empecilhos para o desenvolvimento do trabalho feminino na área da comunicação, independente da faixa etária, as mulheres estão ocupando espaços nos veículos da imprensa, ficando até frente aos homens.

Os dados da pesquisa mostram que, com relação à faixa etária dos jornalistas, aqueles entre 31 a 40 anos representam 40% da categoria, 20% estão na faixa etária de 26 a 30 anos. Já o que estão acima de 50 anos correspondem a 9,1% dos respondentes. O percentual dos que estão entre 41 a 50 é de 20%. Nenhum dos participantes declarou

possuir menos do que 20 anos.

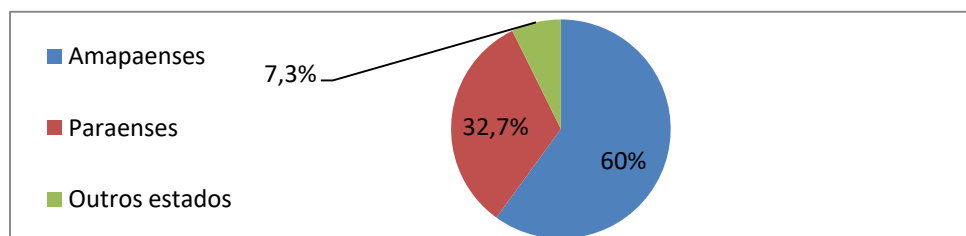


Figura 01: Naturalidade dos Jornalistas amapaenses (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Nesse sentido, no que se refere à naturalidade, nota-se que o jornalismo é exercido em sua maioria por profissionais do próprio estado do Amapá, o que representa 60% dos respondentes. Já os procedentes do Pará se apresentam em sequência ao Amapá, com 32,7%. Os jornalistas oriundos de outros estados representam a parcela de 7,3%, o que confirma que o Amapá ainda possui predominantemente amapaenses em meio às atividades de comunicação.

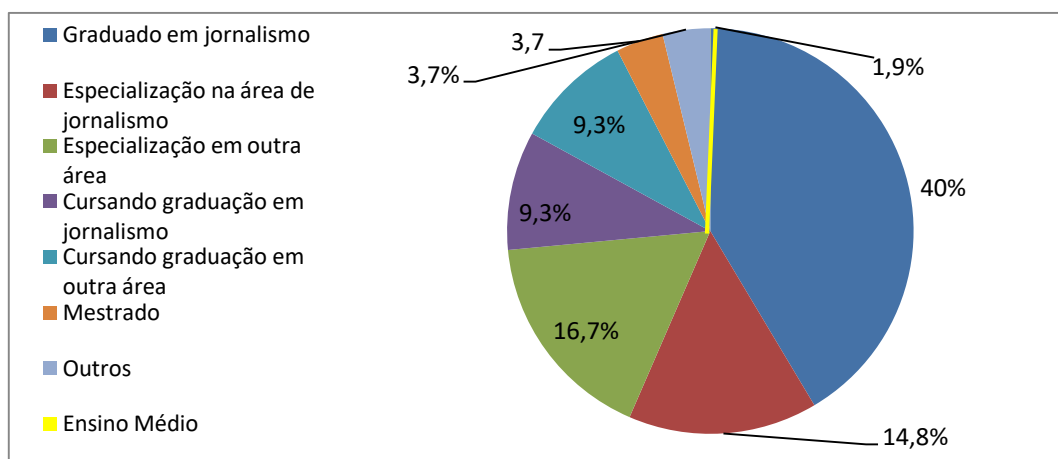


Figura 2: Nível de escolaridade do jornalista amapaense (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

No que se refere ao nível de formação dos jornalistas no Amapá, pode-se dizer que esse aspecto, é relevante no sentido de conhecer o quanto a categoria busca sua formação profissional. São graduados em Jornalismo 40,7% dos profissionais, ou seja,

menos da metade dos profissionais atuantes no estado. Em relação ao universo pesquisado, constatou-se que 14,8% possuem especialização na área de jornalismo, já outros 16,7% possuem especialização em outra área do conhecimento. No processo de aprendizagem, 9,3% estão cursando graduação em outra área. Nesse sentido, essa informação pode demonstrar que alguns pretendem conhecer ou atuar em outra área profissional que não seja o Jornalismo.

Neste cenário, analisa-se que é evidente que a atividade jornalística no estado do Amapá está em processo de readequação. De um lado, temos jornalistas que já atuam há bastante tempo na área; de outro, temos instituições graduando futuros profissionais que já caminham para sua inserção no mercado de trabalho. Isso mostra que o estado vem se desenvolvendo no quesito formação de jornalistas, sem que essas pessoas precisem procurar em outros estados uma instituição para sua formação na área do Jornalismo.

Além disso, esses dados permitem revelar que o jornalista está cada vez mais desenvolvendo suas competências profissionais, constituindo-se como profissional que vai em busca de uma graduação, especialização, mestrado e doutorado. Tais níveis de formação não são necessariamente em Jornalismo, mas contribuem para que o profissional realize suas atividades de maneira qualificada e muita das vezes conquiste ascensão na carreira.

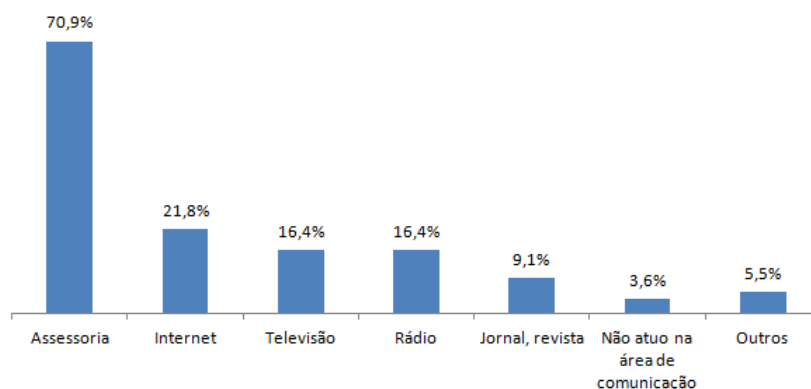


Figura 13: Área de comunicação em que trabalham (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Quanto à área em que estão trabalhando atualmente, os participantes da

pesquisa poderiam marcar mais de uma resposta, dependendo de quantas ocupações possuíam na área jornalística. Os resultados apresentados mostram que a maioria declarou estar em assessoria de comunicação, somando 70,9% dos respondentes. Outros 21,8% estão desenvolvendo suas atividades na área da internet, em blogs ou portais de notícias, enquanto 16,4% atuam em rádios. Além disso, 16,4% estão em televisão; já 9,1% atuam em jornais e revistas. Do total de pesquisados, 3,6% declararam não atuar na área da comunicação, e 5,5% responderam que se encaixam na opção “outros”.

Com base no resultado apresentado, é possível inferir que a profissão de jornalista dá a possibilidade de realizar várias escolhas relacionadas ao mercado de trabalho. Muitos profissionais, devido à necessidade de aumentar sua renda mensal, acabam trabalhando em diversas delas, às vezes simultaneamente.

Outro aspecto que pode estar relacionado ao trabalho em mais de um local é a questão da carga horária de 20 horas semanais. Diante disso, alguns empregos dão ao profissional tempo de possuir mais de um vínculo empregatício.

Para efeito de comparação, nota-se a presença da maioria dos profissionais desempenhando atividades na área de assessoria e recebendo um salário consideravelmente maior se comparado a outras áreas. Portanto, tais dados permitem perceber quais são os postos mais valorizados em termos de salários.

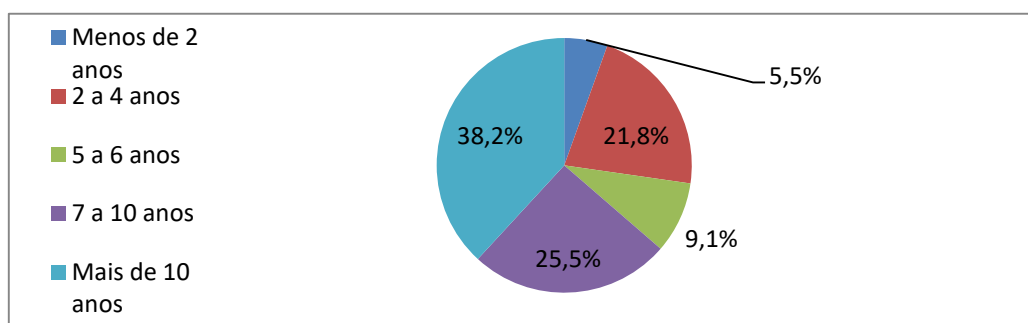


Figura 04: Tempo que atua ou atuou na área jornalística (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Quando perguntados sobre quanto tempo atuam ou já atuaram na área jornalística, 38,2% afirmaram que há mais de 10 anos; 25,5% estão de 7 a 10 anos na área; 21,8% dos jornalistas estão de 2 a 4 anos. Afirmam estar de 5 a 6 anos na área,

9,1% dos profissionais; e trabalham menos de 2 anos, 5,5% dos jornalistas amapaenses.

Nesse contexto, reflete-se por meio das informações apresentadas, que o jornalista amapaense possui um tempo considerável frente à sua profissão e pode ser considerado veterano.

Neste sentido, o tempo na carreira profissional permite suscitar a ideia de que o conhecimento adquirido no decorrer dos anos, nas mais diferentes áreas do jornalismo faz com que certas dificuldades que pudessem existir na carreira dos iniciantes sejam superadas pela obtenção de informações necessárias para melhoria do desempenho profissional.

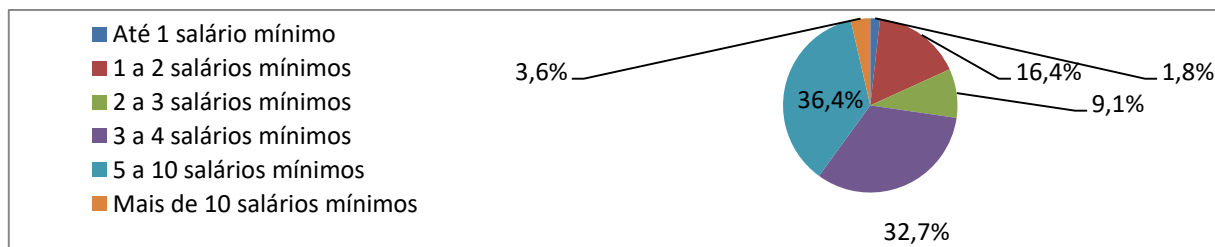


Figura 05: Faixa salarial (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Quanto à remuneração, a maior parcela de jornalistas, 36,4%, possui renda mensal de 5 a 10 salários mínimos; 3,6% recebem mais de 10 salários mínimos, mas não atuam diretamente em áreas jornalísticas e, sim, são docentes de universidades; os que recebem de 3 a 4 salários mínimos representam 32,7% dos respondentes. Afirmando receber de 1 a 2 salários mínimos, 16,4% dos profissionais; já 9,1% recebem de 2 a 3 salários mínimos, e apenas 1,8% recebem até 01 salário mínimo.

Baseado nas informações apresentadas, destaca-se que o salário do jornalista depende da empresa para qual ele está desempenhando suas funções. Contudo, fazendo uma comparação a nível nacional, nota-se que o salário pago a um jornalista não é tão baixo, mas que precisa sim aumentar para que haja, conseqüentemente, melhorias na qualidade de vida de tais profissionais.

Os dados da pesquisa de Mick (2013) demonstram que a maior parcela dos jornalistas no Brasil, o que corresponde a um quarto deles, tem uma faixa salarial entre 5 e 10 salários mínimos. Trabalhando a questão da média salarial no estado do Amapá,

observou-se que os salários predominantes também são de 5 a 10 salários mínimos. Isso quer dizer que o salário no jornalismo, pelo menos em nível de Amapá, está conforme a média nacional.

Tais afirmações demonstram que o reconhecimento da profissão quanto a questão salarial está diretamente vinculada a uma necessidade dos donos de veículos de comunicação em reconhecerem o papel que tais profissionais possuem no contexto social. Mais do que proporcionar uma reserva de mercado, no sentido de restringir salários bons a toda categoria, existe a necessidade de tentar cada vez mais unir esses profissionais a fim de não permitir que empresários da mídia desvalorizem a profissão.

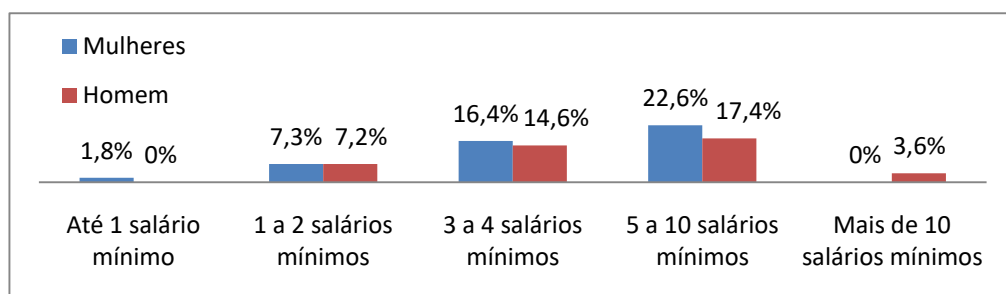


Figura 06: Distribuição de renda de homens e mulheres do Jornalismo amapaense (2016)
Fonte: elaborado pela autora.

O percentual de mulheres nas faixas de renda de 5 a 10 salários corresponde a 22,6%. Os homens que têm essa renda correspondem a 17,4%. O percentual de mulheres e homens que têm renda de 3 a 4 salários mínimos são parecidos, o que equivale, respectivamente, a 16,4% e 14,6%. Recebem de 1 a 2 salários, 7,3% das mulheres e 7,2% dos homens, o percentual de homens que recebem de 2 a 3 salários mínimos corresponde a 1,8%, e as mulheres correspondem a 7,3% dessa faixa salarial. Nenhuma das mulheres afirmou que recebe mais de 10 salários mínimos; já 3,6% dos homens afirmam receber essa faixa salarial. Têm renda de até um salário mínimo, apenas 1,8% das mulheres, enquanto nenhum dos homens afirmou que recebe essa faixa salarial.

No geral, a análise das informações permite observar que fatores de gênero não afetam tanto a distribuição de renda dos jornalistas. Em algumas faixas salariais, as

mulheres apresentam um salário superior aos homens. No entanto, é preciso considerar que as diferenças salariais dependem dos postos ocupados, bem como das funções desempenhadas.

Por outro lado, a pesquisa de Mick (2013) aponta que fatores de gênero afetam a distribuição de renda entre os jornalistas. Os dados mostram, por exemplo, que 17,8% dos homens têm renda superior a 10 salários mínimos, enquanto apenas 8,7% das mulheres possuem a mesma faixa salarial.

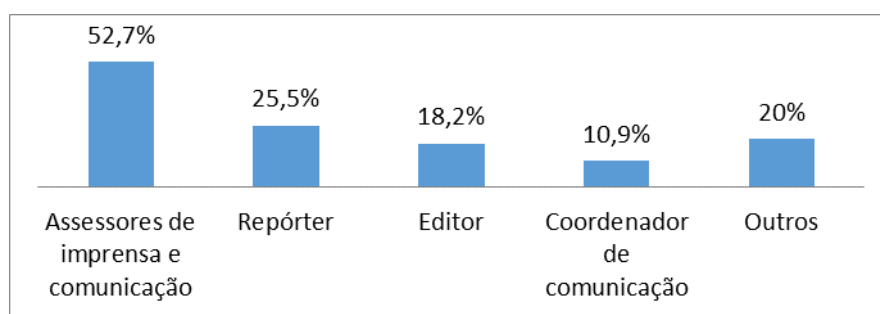


Figura 07: Função atual do jornalista amapaense (2016)

Fonte: elaborado pela autora.

Uma questão que pode suscitar dúvida na pesquisa diz respeito ao questionamento “Qual sua função atual?”. Ressalta-se que a questão formulada não deve ser confundida com a pergunta: “Qual área de comunicação você trabalha”, já que a primeira pode ser respondida como tendo a função de assessor de comunicação e imprensa e a segunda dá a possibilidade de o participante responder que atualmente trabalha na área de assessoria.

A amostra revela que a maioria dos jornalistas amapaenses acumula mais de uma função na área de Jornalismo. Tal questão pode ser notada devido à opção de assinalar mais de uma resposta caso acumulassem mais de uma função. Trata-se de uma extensão da atividade para qual foi contratado. O jornalista pode atuar em um veículo de comunicação como repórter e em outro turno estar atuando como assessor de comunicação, como é o caso de uma das opções assinaladas pelos participantes. Desse modo, constatou-se que os que declararam ser atuantes como assessores de imprensa e comunicação totalizam 52,7%, enquanto 25,5% atua como repórter. Na categoria editor,

estão 18,2% dos jornalistas; já 10,9% atuam como coordenadores de comunicação. Já o percentual de profissionais que atuam em outras funções soma 20%.

De acordo com as informações apresentadas acima, verifica-se que o mercado de trabalho apresenta-se em busca de um mesmo profissional com habilidades para realizar a produção e divulgação de informações em diferentes formatos. Tais exigências apresentam-se como fatores predominantes no campo de negócios das empresas jornalísticas.

O profissional que escreve para internet, por exemplo, pode ser aquele que irá transformar as informações para outras mídias, como para veiculá-las em emissoras de rádio, por exemplo. No entanto, não há dúvida de que o mercado está restrito, haja vista que, por estar realizando uma atividade além daquela para a qual foi contratado, o campo de trabalho poderia ofertar vagas para outros profissionais, o que reduziria o número de desempregos na área.

No que diz respeito à função remunerada, 60% dos jornalistas têm outra atividade remunerada na área de jornalismo; 25,5% não acumulam funções. Afirmam atuar em outra área sem ser em Jornalismo para complementar sua renda, 14,5% dos participantes.

Quanto à jornada semanal, somente 5,5% dos jornalistas trabalham até 25 horas, o que corresponde ao que determina a legislação. O percentual que trabalha até 40 horas semanais é predominante no universo pesquisado e corresponde a 49% dos pesquisados. Esse dado mostra-nos que os que atuam em funções jornalísticas trabalham acima do que a legislação estipula. Os jornalistas que trabalham mais de 40 horas correspondem a 27,3%, e os que trabalham até 30 horas semanais, correspondem a 18,2%.

Baseado em tais resultados, verifica-se que a carga horária determinada para um emprego da área não está seguindo o que a legislação estipula. O que acontece é que como as funções não estão bem definidas, o jornalista acaba se colocando em multifunções.

Assim, no que tange à lei trabalhista no âmbito da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), a jornada de trabalho de um jornalista profissional que esteja

atuando na área é de cinco horas diárias. No entanto, pode ser elevada para sete horas, assim, é profícua a transcrição do artigo 303 e 304 da referida lei:

Art. 303. A duração normal do trabalho dos empregados compreendidos nesta Seção não deverá exceder de 5 (cinco) horas, tanto de dia como à noite. Art. 304. Poderá a duração normal do trabalho ser elevada a 7 (sete) horas, mediante acordo escrito, em que se estipule aumento de ordenado, correspondente ao excesso do tempo de trabalho, em que se fixe um intervalo destinado a repouso ou a refeição (CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO, LEI N° 5.452/1943).

No entanto, com essas exigências do mercado, a carga horária acaba aumentando, indo além do que é permitido. O que deveria ser apenas 25 horas semanais às vezes ultrapassa 40 horas.

Com base no resultado apresentado, é possível inferir que, por serem mal remunerados e não terem o trabalho valorizado da devida forma, a maioria desses profissionais acaba tendo que possuir mais de um trabalho remunerado.

Considerações finais

Este artigo possibilitou mostrar o mercado de trabalho atual em que os jornalistas estão inseridos. A partir do presente estudo percebe-se que, predominantemente o campo do jornalismo do estado é formado em sua maioria pelo público feminino, de faixa etária entre 31 a 40 anos, com formação acadêmica no nível de graduação e/ou especialização (sem necessariamente ser da área, já que apenas 40% se declara graduado em Jornalismo).

Além disso, também foi possível observar que a carga horária de trabalho é de até 40 horas semanais, com acúmulo de funções não remuneradas na área do Jornalismo. Nessas circunstâncias, majoritariamente, os sujeitos da pesquisa apresentam faixa salarial entre 5 e 10 salários mínimos.

A partir do objetivo de abordar qual/quais a(s) área(s) do Jornalismo esses profissionais estão trabalhando, observou-se com evidência a presença predominante de assessores de comunicação, somando 70,9% dos respondentes. Assim, essa área de

comunicação é que se apresenta como sendo a que gera um salário maior se comparado a outras.

A partir da abordagem é possível afirmar que o jornalista na esfera amapaense, sobretudo na atualidade, é um profissional que, para desenvolver suas atividades, deve se amparar não somente aos seus conhecimentos, mas em habilidades e multicompetências quanto às áreas do Jornalismo.

Com isso, pondera-se que cabe ao jornalista buscar alternativas profissionais e econômicas que lhe permita desenvolver seu trabalho pautado nos valores que identificam o jornalismo como prática social e que lhe gere retorno financeiro. Nesse entendimento, o jornalista pode realizar atividades empreendedoras, que levem cada vez mais a melhoria do quadro amapaense e ao mesmo tempo gere credibilidade para manter-se com sua identidade profissional.

Assim, a partir dos pontos abordados é possível verificar que a pesquisa foi crucial para fomentar, uma discussão rara no meio acadêmico e ainda na entidade representativa da categoria, adquirindo informações pertinentes, o que foi fundamental para a obtenção de uma base de dados a serem explorados.

Dessa forma, ressalta-se que esse trabalho buscou fazer um retrato científico do mercado de trabalho do jornalista no Amapá. Não são apresentadas respostas fechadas, mas com levantamentos pertinentes, chegamos ao entendimento de que são cruciais pesquisas como essa que façam que o jornalista compreender e reflita sobre os aspectos referentes ao campo em que estão inseridos.

Referências

BRASIL. **Consolidação das leis do trabalho**. Decreto-lei n° 5.452/1943: Dos jornalistas profissionais. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm. Acesso em: 15 Mai. 2016.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de ética dos jornalistas**

brasileiros. 2007. Disponível em:
<http://fenaj.org.br/federação/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf>. Acesso em: 12 Mai. 2016.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira; KUHN, Wesley Lopes. **Jornalista Contemporâneo**: Apontamentos para discutir a identidade profissional. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 21, p. 57-69, julho/dezembro 2009.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **Indústria de Notícias**: Capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa**: Tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro** - características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012/ Jacques Mick, Samuel Lima – Florianópolis: Insular, 2013.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalismo em tempo de mudanças estruturais**. Intexto, v. 1, n. 24. Porto Alegre: UFRGS, janeiro-junho 2011, p. 38-57.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2011.